

# Hoje é dia de festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens<sup>1</sup>

*Today is party day: the construction of the social and cultural identities of the immigrant in the celebrations of the origins*

*Hoy es día de fiesta: la construcción y expresión de las identidades sociales y culturales del inmigrante en las celebraciones de los orígenes*

DOI: 10.1590/1809-5844201836

**Camila Escudero<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-9399-1207>

<sup>1</sup>(Universidade Metodista de São Paulo, Escola de Comunicação, Educação e Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Bernardo do Campo – SP, Brasil).

## **Resumo**

Este artigo trata de um aspecto peculiar da organização dos grupos de imigrantes – os repertórios culturais – e sua relação com o substrato comunicacional inerente ao atual processo de globalização, marcado por intensa mobilidade humana e avanço das TICs. Considera as mediações culturais e trocas simbólicas mediatizadas ou não na construção de espaços subjetivos e identidades e explora processos de ressignificação e ressimbolização a partir de conceitos de transnacionalismo, etnicidade, comunidade diaspórica e interculturalismo. Entre as técnicas de pesquisa aplicadas, de abordagem qualitativa, estão entrevistas semi-abertas, análise do discurso e de conteúdo, observação sistemática e pesquisa bibliográfica. Os principais resultados apontam que, ao recorrerem a seus repertórios culturais, os sujeitos imigrantes se tornam mais conscientes das forças sociais e interesses que as moldam, bem como seu papel nos processos de mudança social.

**Palavras-chave:** Identidades migratórias. Trocas, ressignificação e ressimbolização cultural. Organizações de imigrantes. Festas e celebrações. TICs.

## **Abstract**

This paper is about a peculiar aspect of the organization of the immigrant groups – the cultural repertoires – and their relationship with the communicational substrate inherent to the current globalization process, marked by intense human mobility and the advancement of ICTs. It considers cultural mediations and symbolic exchanges mediated or not in the construction of subjective spaces and identities and explores processes of re-signification and re-symbolization based on concepts of

---

1 Uma primeira versão deste artigo foi apresentada na International Association for Media and Communication Research – IAMCR Conference, em Cartagena, na Colômbia, em julho de 2017.

transnationalism, ethnicity, diasporic community and interculturalism. Among the applied research techniques, of qualitative approach, are semi-open interviews, discourse and content analysis, systematic observation and bibliographic research. The main results point out the immigrant subject, by using artistic and cultural activities, become more aware of the social forces and interests that shape him/her as well as his/her role in the process of social change.

**Keywords:** Migratory identities. Exchange, cultural re-signification and re-symbolization. Immigrant organizations. Parties and celebrations. ICTs.

### **Resumen**

Este artículo trata de un aspecto peculiar de la organización de los grupos de inmigrantes – los repertorios culturales – y su relación con el sustrato comunicacional inherente al actual proceso de globalización, marcado por una intensa movilidad humana y avance de las TIC. Se considera las mediaciones culturales y los intercambios simbólicos mediados o no en la construcción de espacios subjetivos e identidades y explora procesos de resignificación y resimbolización a partir de conceptos de transnacionalismo, etnicidad, comunidad diaspórica e interculturalismo. Entre las técnicas de investigación aplicadas, de abordaje cualitativo, están entrevistas semi abiertas, análisis del discurso y de contenido, observación sistemática e investigación bibliográfica. Los principales resultados apuntan que, al recurrir a sus repertorios culturales, los sujetos inmigrantes se vuelven más conscientes de las fuerzas sociales e intereses que las moldean bien como su papel en los procesos de cambio social.

**Palabras clave:** Identidades migratorias. Intercambios, resignificación y resimbolización cultural. Organizaciones de inmigrantes. Fiestas y celebraciones. TIC.

### **Introdução**

O presente artigo aborda a temática das construções identitárias do sujeito imigrante e suas relações espaço-temporais com o substrato comunicacional inerente ao atual processo de globalização, marcado por intensa mobilidade humana e avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Pretende tratar de um aspecto peculiar da organização dos grupos de imigrantes – os repertórios culturais a partir de manifestações festivas, folclóricas e culturais produzidas por imigrantes no país de acolhida. Considera as mediações culturais e trocas simbólicas mediados ou não na construção de espaços subjetivos e identidades e explora processos de resignificação e resimbolização a partir de uma relação de alteridade, do reconhecimento do “outro”.

De modo prático, nos propomos a pesquisar: 1) de que modo são construídas, expressas e projetadas as identidades culturais, étnicas, sociais e nacionais em situações de migração e deslocamento espacial; 2) quais são os sentidos de pertencimento, identificação e lealdade (*‘allegiance’*) dos indivíduos e grupos deslocados na temporalidade do atual quadro civilizacional e organizacional marcado pela globalização econômica e cultural, mobilidade humana e aceleração das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs); 3)

Quais são as estratégias discursivas (midiáticas e não midiáticas) empreendidas por esses grupos e indivíduos no afã de construir e expressar suas novas configurações identitárias; e 4) Qual é a finalidade desses investimentos sociais e subjetivos.

Estudos anteriores de nossa autoria (ESCUADERO, 2007, 2014, 2016) indicaram que em situação de deslocamento, o reconhecimento do “outro” possibilita que relações de contato e trocas simbólicas e culturais se efetivem em espaços próprios construídos a partir de diferentes formas de enunciação (midiáticas e não midiáticas) das identidades étnicas, culturais, nacionais e sociais. Nessas instâncias de produção de subjetividade e de defesa das singularidades, a produção do *ethos* do imigrante (individual e/ou coletivo) é reelaborada de modo a garantir pluripertencimentos, conexões e afetividades, independentemente de um território geograficamente localizado, um centro definido e/ou uma temporalidade contínua.

Em outras palavras, acreditamos que os repertórios culturais de sujeitos e coletivos de imigrantes costumam resultar em novas formas de participação cidadã que transformam profundamente a vida dos sujeitos deslocados, familiares e das pessoas que estão em sua volta, no território de acolhida, de recepção ou outros. Envolvem esferas políticas e sociais tradicionais, mas inovam na instituição de espaços entre fronteiras físicas e subjetivas, motivadas, por exemplo, por sentimento de solidariedade e/ou pertencimento. Eles são responsáveis pela criação e manutenção de um vínculo entre tempo – espaço – sociedade, transitando entre um ou mais pertencimentos, *‘nem daqui nem de lá’* – que influenciam percepções e realidades de vulnerabilidade e marginalização, mas também de trocas simbólicas e enriquecimento cultural.

## Aspectos metodológicos

Para atingir os objetivos descritos acima, fizemos uso de dois principais recursos teórico-metodológicos – transnacionalismo (BASCH; BLANC-SZANTON; SCHILLER, 1992, 1995) e interculturalismo (GARCIA CANCLINI, 1998, 2005) – conjugados com a análise de material empírico. Para isso, aplicamos seis técnicas de pesquisa, todas de abordagem qualitativa: pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2011) e documental (MOREIRA, 2011); entrevista em profundidade semi-aberta (TRIVIÑOS, 1990); análise do discurso (PINTO, 1999; FAIRCLOUGH, 2001); observação sistemática (GIL, 2008); e análise de conteúdo (KRIPPENDORFF, 1990; BARDIN, 1977).

Determinamos como recorte do universo para pesquisa, as associações, entidades cívicas e organizações envolvendo imigrantes latino-americanos que se dedicam à realização e promoção de festividades que remetem a seus países de origem em Chicago (Estados Unidos) e São Paulo (Brasil), entre elas: performances musicais, de danças folclóricas; feiras de comidas típicas e artesanato; mostras de cinema; encontros de literatura e celebrações em geral (festas de Independência e datas comemorativas dos países).

Assim, nosso objeto de estudo foi composto por três elementos: 1) sujeitos imigrantes; 2) suas manifestações artísticas, folclóricas e culturais; e 3) seus *sites*, páginas no Facebook, Twitter, Meetup e Instagram – principais plataformas virtuais de comunicação utilizadas pelos grupos envolvidos. No total, participaram 45 imigrantes de origem latino-americana divididos em 28 organizações, a saber: 15 brasileiros e 15 mexicanos estabelecidos em Chicago, e 15 latinos que vivem em São Paulo (três paraguaios, dois chilenos, cinco peruanos, dois argentinos e três bolivianos). Todos se encontram em etapas avançadas de seus respectivos processos migratórios – vivem no país de acolhida há, pelo menos, dez anos<sup>2</sup>.

## O associativismo na constituição de espaços compartilhados

Sabe-se que as organizações, grupos e comunidades de imigrantes estabelecidas no território de acolhida têm relevante papel no fortalecimento de laços de amizade, familiaridade e união do grupo envolvido, bem como na celebração da origem comum. Elas costumam ter uma função central na construção e representação da identidade cultural de seus membros. “Ser parte de uma identidade coletiva é uma necessidade primária do imigrante” (BRINKERHOOF, 2009, p.36 – Tradução nossa). Esta “identidade diaspórica” é resultado de uma mistura de características da terra natal, de acolhida e experiências de vida do imigrante. Na sociedade de fixação, os processos de socialização e integração são fatores significativos e resultam em um conjunto de identidades híbridas, não como um final fixo – elas são constantemente produzidas e reproduzidas no interior de um sistema de representação.

Propomos tal conceito de identidade diaspórica baseado na definição de identidade para Hall (2005) e Garcia Canclini (2005). O primeiro autor entende que a identidade, que ele chama de “identidade cultural”, contextualizada na pós-modernidade, é fragmentada, provisória, por vezes contraditória e compõe um sistema de representação localizado em um espaço e em um tempo simbólico. Já o segundo autor, acrescenta à identidade o termo híbrido para definir a chamada “identidade híbrida”, especialmente no contexto da América Latina, o conceito de identidade sociocultural, construído a partir de trocas simbólicas entre tradicional e moderno, popular e erudito, massivo e individual.

Para Brinkerhoof (2009), os imigrantes mostram várias motivações para explicar o porquê de se mobilizarem em torno de uma identidade diaspórica e dirigir essa mobilização para a terra natal, a sociedade de acolhimento, ou ambos. Entre elas, estão: comportamento,

---

2 Participaram da pesquisa, pelo menos, um integrante de cada organização estudada, entre líderes e/ou coordenadores. Os eventos, celebrações e festividades visitados e observados durante a pesquisa, foram: 1) Em Chicago: Carnaval Brasileiro em Chicago, Festa Junina Brasileira, Feijoada Brasileira, VI Mostra de Cinema Brasileiro, Roda de Capoeira do Quilombo Cultural Center, Festa de Sete de Setembro, Sarau Literário e Cultural de Língua Portuguesa, Exposición de Artesanías – Calpulli Ocelotl-Cihuaatl, Dia de los Muertos, Pilsen Open Studios, XII Encuentro Cultural Guerrerense, Children’s Art Workshop – Book Reading and Making “Alebrijes”, 10<sup>th</sup> Annual Folk Art Festival, Celebracion de Nosa Señora de Guadalupe, Downtown Sound – Millennium Park, Mexican Fiesta – Mexican Dance Ensemble, Las Posadas, Encuentro Gastronómico TCEP; 2) Em São Paulo: 21<sup>a</sup> Festa do Imigrante, Feira da Kantuta – Cultura Boliviana, Feira da Kantutita; Fiestas Patrias Peruanas, Festa Fé & Cultura, Encontro Cultural de Imigrantes Cáritas São Paulo. Todas plataformas virtuais de comunicação de todos os grupos integraram o *corpus* de análise.

capacitação e motivação psicológica dos indivíduos. Em outras palavras, ao fato de essa mobilização servir: 1) como fonte de identidades defensivas que servem de refúgio e/ou reação a tendências sociais predominantes; 2) como práticas de ações solidárias e de generosidade que culminam, em última instância, num associativismo com reflexos em outros campos, além do cultural (político, econômico, entre outros); e 3) como formas de organização em torno de um conjunto específico de valores cujo significado e usos compartilhados são marcados por códigos específicos de autoidentificação e pertencimento. “A consciência nacional é inevitavelmente marcada pela imigração” (PARK, 1922, p.49 – Tradução nossa).

Nossa pesquisa de campo revelou que uma vez constituído o grupo em torno da manifestação artística e cultural envolvida, a estrutura formada para atuação tem inúmeras variações, sendo difícil descrever com exatidão todas possíveis. A partir das encontradas, podemos organizá-las em três tipos principais:

- **Grupos estruturados:** com alto grau de profissionalismo e organização envolvidos, costumam ter registro formal (seja empresarial, estatutário, como organização não-governamental), sede própria e quadro amplo de membros (entre funcionários, voluntários e/ou colaboradores em geral) seguindo hierarquia particular, geralmente com o idealizador do grupo na posição de liderança. Mantêm-se a partir do gerenciamento de recursos financeiros obtidos com a venda de ingressos das apresentações, dos produtos (no caso dos artesanatos, comidas), de cursos ministrados, e, em alguns casos, de apoio de patrocinadores, incluindo grandes empresas. Têm veículos de comunicação, entre eles *sites*, panfletos e revistas, principalmente, e parcerias com veículos de comunicação locais (jornal e rádio).
- **Grupos semiestruturados:** são organizados formal ou informalmente e podem ou não possuírem sede própria (as reuniões, ensaios, confecção de produtos, podem ocorrer num pequeno espaço alugado e/ou na casa de algum membro, de uma igreja ou clube parceiro). Tem um quadro modesto de membros, sendo a maioria de voluntários, e uma divisão hierárquica a partir das funções (um membro é o tesoureiro, outro o responsável pela divulgação e assim por diante). Possuem, pelo menos, um veículo de comunicação (*sites* e panfletos são os mais utilizados). Também é mantido com recursos financeiros obtidos a partir da venda de ingressos das apresentações, da venda dos produtos (no caso dos artesanatos, comida), de cursos ministrados; eventualmente, contam com patrocínio de alguma pequena empresa local.
- **Grupos não-estruturados:** são organizados de maneira informal, no geral, a partir da iniciativa de seu líder. Não possuem sede própria, sendo as reuniões, ensaios e produções realizados na casa de algum membro, em cafés, restaurantes e até praças públicas. Contam apenas com membros-voluntários, sendo o papel do líder crucial para a realização das atividades. Utilizam uma página nas redes sociais (Facebook, por exemplo) como veículo de comunicação. Os poucos

recursos financeiros para manutenção são conseguidos a partir da venda de ingressos das apresentações, da venda dos produtos (no caso dos artesanatos, ou comidas, por exemplo), de cursos ministrados; neste caso, é muito comum os próprios membros doarem dinheiro para o grupo utilizar com transporte, matéria prima, compra de instrumentos, figurinos, entre outros.

Nesses arranjos, construídos a partir da participação dos imigrantes em festividades artísticas, folclóricas e culturais, múltiplas formas de pluripertencimento se afloram, alavancando a manifestação de sentimentos (manutenção, reavivamento ou ressignificação) de conexão entre os sujeitos, revelando a defesa de interesses partilhados e produzindo novos significados. Enfim, é a vida que segue compartilhada em sociedade.

O associativismo e a solidariedade, nesse sentido, figuram como uma questão de engajamento em torno de um bem comum: preservar a identidade diaspórica frente a outras realidades. O resultado são discursos politizados, no qual as festividades artísticas e repertórios culturais envolvendo o país de origem na sociedade receptora se tornam elementos de base.

Assim, procuramos verificar aspectos que vão desde a organização prática dos eventos, a mobilização dos envolvidos, a preparação e apresentação das atividades, até questões de ordem subjetiva, uma vez que tais atividades e encontros estão intimamente ligados a construções identitárias, não só do imigrante, mas do público que comparece (muitas vezes, oriundo da sociedade de acolhida e de outras) e de aspectos da própria cidade onde o evento está inserido.

Como caminho teórico escolhido (entre tantos possíveis), procuramos determinar essas performances construídas a partir de representações dentro das ideias de “espaço social”, de Bourdieu (1983, 1986, 1989), e “espaço nostálgico”, desenvolvido por Sayad (1998, 2010). Aqui, resumidamente, espaço social é retratado por Bourdieu (1983, 1986, 1989) como um campo de lutas no qual os atores (indivíduos e grupos) elaboram estratégias que permitem manter ou melhorar sua posição social, a partir (e também) do capital cultural. O próprio Sayad (1998, 2010) indica que, no processo migratório, é muito pertinente refletir sobre o conceito de espaço, uma vez que o “espaço social” está no centro do debate porque promete precisar o local social que os imigrantes ocupam em suas sociedades, marcando a diferença entre esses territórios sociais constituídos pelo processo migratório e a sociedade estritamente delimitada pelas fronteiras do Estado-nação. O autor (SAYAD, 2010, p.17 – Tradução nossa) classifica o espaço social “como um espaço vivo, um espaço concreto qualitativa, emocional e passionalmente falando”, carregado de afetividade, daí o adjetivo nostálgico.

Identificamos que esses espaços artísticos e culturais criados por imigrantes não devem ser reduzidos à sua dimensão física tradicional, estática ou veicular; político-administrativa, fundada na arbitrariedade das fronteiras e da autoridade burocrática; ou, menos ainda, à equivalência unívoca entre os registros geográficos e identitários. O espaço migratório se destaca, antes, pela multiplicidade dos modos de sua ‘produção’ social e

simbólica (LEFEVBRE, 1974) e a natureza intrinsecamente transitória e flutuante tanto da socialidade como da subjetividade do imigrante.

Espaços que podem ser tanto reais e materiais como os teatros, museus, praças, parques e demais localidades onde ocorrem os eventos, mas também podem ser subjetivos, imaginários e existenciais (GUATTARI, 1992), produzidos a partir dos processos e dispositivos de enunciação da identidade coletiva do grupo envolvido. É o que nos faz concordar com Barel (1986), quando este argumenta que todo território social é, na sua essência, um fenômeno imaginário, imaterial e simbólico; e que todo elemento componente desse território – seja ele físico ou biológico, deve necessariamente passar por um minucioso processo de simbolização, para poder integrá-lo.

Inversamente, os deslocamentos físicos, sociais, culturais e subjetivos do imigrante o impelem a aderir mental e corporalmente a uma multiplicidade de lugares e territórios, mergulhar sensível e inteligivelmente em suas realidades, traduzi-las e deixar-se por elas envolver e traduzir. Entre trajetões e trajetórias, na diversidade e na adversidade, o sujeito migrante é levado a ressignificar as referências materiais e simbólicas que o interpelam para poder projetar narrativamente as espacialidades que o contêm e costurar mnemonicamente as identidades nacionais, étnicas, culturais e sociais que o atravessam.

Essa característica constitutiva do espaço migratório se manifesta a todos os níveis da vida do imigrante; desde sua rotina diária e sua atuação imediata no seu entorno social (via prática artística e cultural ou não) até a sua visão de mundo e seus engajamentos e investimentos existenciais mais amplos. Quer seja no plano social e cultural, como vimos, quer seja no plano subjetivo, as suas coordenadas são inevitavelmente plurais; muitas vezes embaralhando o ‘aqui e agora’ com o ‘alhores e outras temporalidades’.

Trata-se, verdadeiramente, de um ‘espaço social nostálgico’, cuja estrutura, forma e configuração refletem a dinâmica das relações sociais e simbólicas tecidas pelos imigrantes – indivíduos e comunidades, no seu percurso; interligando seu lugar de destino, sua terra de origem e os territórios de transição ou investidos de sua subjetividade. O que significa, em primeiro lugar, que a cartografia desse espaço não corresponde fielmente a um determinado ‘espaço social nacional’, nem pode se restringir a seus recortes estatais nacionais e/ou suas instâncias político-administrativamente (re)conhecidos.

## **A subjetividade nos processos de ressimbolização ou ressignificação cultural**

Diante de um processo tão complexo, é simplista demais dizer que nossa hipótese inicial – de que, é a partir da representação de práticas artísticas e culturais relacionadas ao país de origem no país de destino, que o imigrante estabelece um processo de ressimbolização ou ressignificação cultural, no qual a ideia original e comum de hábitos, costumes, objetos e crenças se conserva ao mesmo tempo em que o ponto de encontro entre elementos díspares gera novos significados – foi confirmada.

Preferimos pensar o tema a partir da própria definição de subjetividade proposta por Guattari (1992, p.19). Segundo o autor, a subjetividade não é uma instância dominante de terminação que guia outras instâncias segundo uma causalidade unívoca. Pelo contrário, por ser plural, ela se traduz no conjunto das condições que torna possível que as instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como espaço existencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade, ela mesma subjetiva.

Sendo assim, de certa maneira, admitimos que no terreno estudado, o das práticas culturais e artísticas migratórias, cada sujeito ou grupo veicula um sistema próprio de representação – baseado em uma ideia de origem comum – em um modelo único de subjetividade. Em outras palavras: aproveitando que falamos de territórios e espaços físicos, cada sujeito desenha uma cartografia não só a partir de referências cognitivas, mas também, míticas e rituais, por meio das quais ele se posiciona em relação a seus afetos, angústias e todas as dores que o deslocamento pode gerar.

De fato, as diásporas ou organizações culturais expõem e reproduzem um conjunto de referência mais ou menos imaginário, situado além das fronteiras do país de acolhida ao organizar seus membros em comunidades locais extremamente inseridas no espaço social do país de acolhida e de seus campos, favorecendo a socialidade. Assim, a cultura subsiste, com seu constante processo de ressignificação – que não é ruim nem bom, mas característico de um espaço vivo, em transformação – e constantemente ameaçada por espaços nacionais “fortes” que se negam de forma recíproca e que tratam o processo migratório como um fenômeno efêmero que tende a perder importância cultural com o passar das gerações e sua “reinserção” dentro dos espaços sociais homogêneos.

## O papel das TICs

Sabemos que a rotina diária de imigrantes está longe do que Garcia Canclini (2005, p.205) chama de “oásis de não-pertencimento”. A todo momento, a própria condição de sujeito deslocado e sua busca por novas formas de pertencimento são colocadas em xeque por questões de ordem muito mais prática, por exemplo, leis migratórias restritivas, preconceito, xenofobia, discriminação entre tantas outras ações coercitivas de direitos humanos. Mas, no momento em que o imigrante investe em seus aspectos culturais, eles encontram maneiras criativas para enfrentar as dificuldades e tudo parece estar bem – afinal, eles estão falando sobre o que melhor sabem, sobre si mesmos, sua terra natal. Neste sentido, diásporas organizadas usam as TICs para facilitar essas agendas.

A pesquisa empírica revelou que a *Internet* pode atender às necessidades práticas da vida cotidiana das organizações culturais migratórias: divulgar os eventos, promover a organização e informar os membros e/ou público em geral sobre o que está acontecendo no grupo, para ter voz, para aparecer, para transmitir suas informações e seus conhecimentos sobre os aspectos culturais do país de origem e para serem conhecidos localmente.



Simultaneamente, a análise de conteúdo nos mostrou que a *webdiáspora*<sup>3</sup> dá a oportunidade para que os imigrantes, quando organizados em grupo, continuem negociando suas identidades diaspóricas, em uma perspectiva intercultural, através de histórias, de promoção de consensos sobre entendimentos compartilhados, de fazer sentido, em um espaço transnacional. É muito difícil mensurar a verdadeira extensão do impacto das TICs na vida do imigrante, especialmente no seu aspecto subjetivo. Mas é possível dizer que elas fornecem suporte para a construção de identidades diaspóricas, permitindo aos sujeitos incorporarem novas ideias, valores e experiências em seu quadro de identidade referência.

Destacamos dois exemplos de conteúdo encontrados em páginas virtuais dos grupos – escolhidos aqui, aleatoriamente para fins de ilustração do argumento acima. O primeiro foi um “*post*” sobre o *Forroloween*, evento organizado por um grupo de músicos brasileiros em Chicago. Eles comemoram o Dia das Bruxas (*Halloween*) – uma das festividades mais populares da cultura dos Estados Unidos – tipicamente, com fantasias e doces, porém, incluem na celebração o forró, um ritmo brasileiro. O segundo foi um cardápio de uma barraca de comidas típicas peruanas em São Paulo, que anunciava a venda do “*Ceviche à moda brasileira*”. No prato, a tradicional pimenta *aji*, típica do Peru, foi substituída pela pimenta dedo de moça, muito utilizada na culinária brasileira para “conquistar os brasileiros”.

Nesse contexto, reforçamos o argumento de que as TICs não apenas representam uma ferramenta instrumental de veiculação, transmissão e/ou representação, mas conotações de vinculação social, interação simbólica e produção subjetiva (APPADURAI, 1996; MARTÍN-BARBERO, 1991). E, se há uma conclusão a ser tirada desse debate é que a mudança social é multilinear e não unilinear. Há sempre mais de um caminho que podemos seguir e, aqui, ressaltamos dois, em especial.

O primeiro é que após a criação da indústria tipográfica e o surgimento de vários tipos de mídia eletrônica, o conjunto de interação da vida social mudou. É claro, a interação face a face – a única que se conhecia nos primórdios dos tempos e que até então permitia o compartilhamento de informações, realidades, conhecimento – não desapareceu, ou seja, ela ainda é um componente fundamental da vida cotidiana. No entanto, foi complementada por outras formas de interação que assumiram um papel cada vez maior no processo de autoformação das pessoas e no compartilhamento do comum.

Um segundo ponto a ser ressaltado é que, por mais forte que seja o conflito ou a afinidade entre TICs e sociedade hoje, não é possível afirmar que novas formas e processos sociais aparecem em consequência de transformação tecnológica. Acreditamos que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade pode escrever o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo cenário interativo e contextual. Além disso, novas formas

3 Podemos relacionar o conceito de *webdiáspora* a práticas midiáticas envolvendo imigrantes na *web*, de forma combinada ou não, que têm como objetivo, em geral, expressar posicionamentos com base em situações transnacionais e interculturais originadas pelo deslocamento. Alguns sinônimos: e-diáspora, Webdiáspórica, Diáspora Digital, entre outros.

e processos sociais nem sempre surgem, necessariamente, dentro de um sistema antigo e/ou já existente.

Assim, o foco da interação e comunicação proporcionada pela *webdiáspora* vai muito além da objetividade da transmissão de uma realidade, aqui, favorecida pelo desenvolvimento e acesso às TICs. Mas, como propõe Sodré (2006), envolve o entendimento da comunicação no seu sentido mais amplo de interação, de comunhão. A partir dessa ideia, procuramos valorizar o sujeito imigrante que é cercado por culturas e identidades e que tem um passado e um presente que vai até além da própria compreensão dele mesmo.

Por fim, ressaltamos que o diferencial hoje é a aceleração distributiva dos processos e não a presença maciça da técnica nos processos. Os modos de vida produzidos nos últimos tempos nos desvencilharam dos tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira sem precedentes. E, se até poucas décadas, a mobilidade espacial e temporal era uma constante única e uma situação de causa, hoje, precisamos levar em consideração uma inversão fundamental: tempo e o espaço são organizados a partir de uma lógica múltipla e uma situação de efeitos, na qual estão vinculados presença *versus* ausência, pertencimento *versus* alienação, tradição *versus* inovação, visibilidade *versus* invisibilidade, racionalidade *versus* sensibilidade, global *versus* local, indivíduos *versus* grupos.

## **A questão das identidades como discurso**

Celebrar as origens, retomar as raízes, fortalecer laços de amizade e união dos envolvidos... tudo com muitas cores, sabores e alegria. Aparentemente, tratam-se de atividades corriqueiras. Qual estrato social organizado não promove esse tipo de atividade? Insistindo no caráter plural das identidades, potencializadas nos eventos estudados migratórios, verificamos que elas são frutos de um modelo de organização social do planeta imposto por relações de poder ancoradas em processos históricos. Elas são incorporadas, transformadas e recriadas no interior de um sistema de representações a partir da relação do sujeito com o ambiente em que vive (e tudo que isso implica). Assim, identidades nacionais, étnicas, sociais e culturais costumam aflorar em processos de deslocamento, ou seja, na mudança de um ambiente, até então um ponto de referência.

A defesa dessas identidades não é ingênua, apesar de que, em alguns casos, mostra-se inconsciente, pelo menos, cientificamente falando: o imigrante não defende suas identidades por si só. Ele as defende para alcançar algo, um propósito, objetivo ou subjetivo. Essa posição o leva a articular suas ações práticas do cotidiano no espaço privado e familiar, ou de caráter público e coletivo, não necessariamente nessa ordem linear.

Não é coincidência que tais práticas são muito mais visíveis e proliferam-se em grandes centros urbanos, como visto em Chicago e São Paulo. Elas vão de encontro ao contexto de recepção e o que as metrópoles oferecem em termos de infraestrutura (acesso aos meios de transporte, comunicação, saúde, educação, trabalho) e de vontade política dos

governos locais em reconhecer e apoiar novas estruturas da sociedade civil. A sociabilidade que as cidades contemporâneas induzem deve ser concebida como a capacidade de interagir com as múltiplas ofertas simbólicas internacionais a partir de posições próprias.

Também não é por acaso que as manifestações festivas, artísticas e culturais permeiem todo tipo de atividade do imigrante no território de acolhida. Ainda que o objetivo prático da defesa das identidades seja lutar por direitos políticos (possibilidade de voto, por exemplo) ou laborais (melhores condições de trabalho), sentimentos de reconhecimento e pertencimento têm nas práticas artísticas, folclóricas e culturais sua melhor forma de materialização e externalidades. Não só porque possibilita o uso de elementos identitários – os mesmos podem ser usados em uma manifestação política, ou em um comício de greve – mas, porque mexe com os sentimentos afetivos mais profundos do imigrante, provocando-lhes sensações a partir de uma experiência estética e nostálgica.

Uma condição essencial para que elas ocorram, nos diferentes níveis em que descrevemos ao longo que estudamos, é a ação coletiva. Tais atividades só aparecem e ganham visibilidade na sociedade de acolhida quando organizadas em grupos, associações, clubes, comunidades, ainda que a partir de uma iniciativa individual. Formais ou informais, profissionais ou amadoras, comerciais ou sem fins lucrativos, antigas ou recentes, o fato é que esses coletivos são fundamentais na construção de laços entre os imigrantes que partilham de uma origem comum no território de acolhida. Eles se mostram relevantes ainda para a construção de pontes com o país de origem e, em alguns casos, pontes com imigrantes de uma mesma origem, porém, estabelecidos em outros territórios.

Como nos revelou a perspectiva transnacional, tratam-se de sujeitos ativos e conectados no país de origem ou de destino, que trabalham e expõem suas identidades contrastivas nos mais variados formatos de práticas culturais. Arriscamos a dizer que, no caso migratório, não existe comunidade sem festas e celebrações das origens, assim como não existe festas e celebrações das origens sem a comunidade.

Nessas práticas, os sujeitos imigrantes se apegam à sua coletividade e criam espaços sociais étnico-nacional-culturais como uma forma de resistência ao convívio excessivamente individualista encontrado na sociedade de acolhimento. Eles escolhem, adaptam o que vai ser mostrado dentro das suas possibilidades, mas também, de acordo com o que os receptores locais podem escutar, ver e compreender. Podemos dizer que neles há uma pretensão hegemônica em torno de uma cultura linear e acumulativa que se desmorona se o passado não puder ser armazenado, preservado (BAUDRILLARD, 1991).

E isso vai além de celebrações, encontros festivos, performances ou mesmo uma forma de trabalho e subsistência. Envolvem ações políticas, econômicas, sociais ancoradas em múltiplas identidades migratórias responsáveis por construir redes sociais e impulsionar a crença em uma melhor qualidade de vida em mais de um espaço geográfico, combinando o local, o urbano, o nacional e o transnacional.

Isso explica a dificuldade que tivemos durante o trabalho de classificar, determinar e sistematizar se tal manifestação é de ordem religiosa, política, econômica ou cultural, como

mencionamos acima. Tais ações nos fornecem evidências empíricas de que as relações sociais contemporâneas, no caso migratório, tornaram-se pluridimensionais, multiescalares e fluidas. Suas formas são resultantes de interações espaço-sociais que têm mais a ver com a qualidade do capital social cultivado do que com a sua densidade.

Talvez resida aí a explicação para o fato de que as manifestações culturais, folclóricas e festivas, apesar de trazerem inovações na forma de criação e apresentação do conteúdo – conforme mostrado pela perspectiva intercultural –, insistem em perpetuar práticas estereotipadas, repetitivas e poucos originais que remetem sempre ao senso comum sobre a imagem do país de origem. Por mais que, nos discursos, apareça a preocupação em utilizar determinada performance, evento ou festa para revelar um outro aspecto do país de origem envolvido no país de acolhida, para um receptor externo que, em tese, não tem familiaridade com o assunto, ainda é muito forte a presença de clichês nesses ambientes.

Devemos ter em mente que, como um discurso, tais performances revelam constante alternância de foco da particularidade e estão orientadas para uma grande diversidade de fins. O importante é que, ao recorrerem a tais experiências, os sujeitos imigrantes se tornam mais conscientes da prática em que estão envolvidos como produtores e consumidores daquelas sensações: das forças sociais e interesses que as moldam, das relações de poder e ideologias que as investem, seus efeitos sobre as identidades sociais, culturais, étnicas e nacionais, bem como nas interações simbólicas e seu papel no processo de mudança cultural e social.

## **Considerações finais**

As festividades estudadas neste trabalho nos revelaram que a existência, no caso dos imigrantes, de um quadro espacial para a enunciação das subjetividades criadas e a preservação da identidade do grupo envolvido ganha um sentido prático. E é justamente esse sentido que dá vida aos conceitos de “espaço social” e “espaço nostálgico”, de Bourdieu (1983, 1986, 1989) e Sayad (1998, 2010), respectivamente.

É inegável que as múltiplas formas de concepção de espaço dependem não só do quadro político cultural geral e do momento histórico de sua elaboração, mas também de uma percepção sensorial. No caso desta pesquisa, trabalhamos, a todo momento, com um conceito de espaço construído a partir de interações simbólicas e discursos marcados por nostalgia intrínseca à própria característica temporal fundadora desse espaço. Ele é responsável por delimitar o local social que os imigrantes ocupam no país de acolhida e ampará-los afetivamente, afinal, a nostalgia, em última instância, é a negação de um presente doloroso.

No atual quadro civilizacional e organizacional do planeta, marcado pela globalização econômica e cultural na qual se destacam a aceleração dos meios de transportes e TICs, tal quadro espacial pode surgir a partir do compartilhamento de um espaço físico comum

(geralmente localizado no mesmo bairro, uma igreja, a sede de uma associação comunitária, uma escola) ou de um espaço virtual (a *webdiáspora*, por exemplo).

Ambos, sem dúvidas, são responsáveis por propiciar o exercício da socialidade (MAFFESOLI, 2006) e a criação e manutenção de uma rede social que envolve, simultaneamente, sujeitos localizados fisicamente no país de origem, de destino ou em outros, que garante aos grupos de imigrantes toda sua dinâmica no que diz respeito a sua capacidade de autorrepresentação, reconhecimento e produção das atividades organizadas a partir da ideia de identidades em comum.

Dentro desses espaços, os grupos de imigrantes têm autonomia para impor suas práticas da maneira que julgam convenientes e estabelecem hierarquias e papéis de acordo com o funcionamento e características da atividade ordinária. Com toda certeza, trata-se do elemento fundador do “estar-junto”, tão valorizado nas manifestações estudadas, que no contexto transnacional parece ser regido por instâncias desprovidas da dimensão material e inscritas na temporalidade de uma difusão instantânea. O ponto-chave para seu desenvolvimento – que acaba por refletir no (re)conhecimento da produção artística e cultural do grupo envolvido – não costuma ser a chegada ou saída de membros, mas a relação entre eles.

Por meio desses espaços, os grupos de imigrantes são capazes de exercerem múltiplas formas de vozes, lealdades e discursos que geralmente são expandidos para além das fronteiras físicas espaciais. Ou seja, tanto da sede da organização, da cidade, do Estado ou do país, como do ambiente virtual para o real. Isso explica o fato, por exemplo, de muitas vezes novos membros surgirem a partir de um contato virtual. Ou ainda: conhecer e trazer novas perspectivas que têm sido desenvolvidas à manifestação artística e cultural em questão no país de origem e aplicá-las no país de destino. Do mesmo modo, em uma apresentação em um parque ou praça, chamar a atenção das pessoas que por ali passam que, independentemente do estabelecimento de uma relação mais próxima futuramente, expõe, transmite e torna público facetas, até então desconhecidas, de uma realidade social.

Acompanhando as práticas culturais desses povos neste trabalho, vimos que é no lugar de sedimentação e cruzamento de correntes culturais diversas e fusões não resolvidas entre países de origem e destino que os imigrantes, ainda que em um mesmo continente, testemunham as contradições da história social. Suas manifestações festivas não deixam de ser projetos democráticos compartilhados por todos sem que igualem todos, em que a desagregação é elevada à diversidade, e as desigualdades entre etnias e grupos são reduzidas a diferenças.

## Referências

APPADURAI, A. **Modernity at Large – Cultural Dimensins of Globalization**. Minneapolis: University Minnesota Press, 1996.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAREL, Y. Le social et ses territoires. In: AURIAC, F.; BRUNET, R. (Orgs.). **Espaces, Jeux et Enjeux**. Paris: Fayard e Fondation Diderot, 1986.
- BASCH, L.; BLANC-SZANTON, C.; SCHILLER, N. G. Transnationalism – A new analytic framework for understanding migration. **Annals New York Academy of Science**, v.645, p.1-24, 1992. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1749-6632.1992.tb33484.x/abstract>. Acesso em: 23 mar. 2015.
- \_\_\_\_\_. From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration. **Anthropological Quarterly**, v.68, n.1, p.48-63, 1995.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. **Espaço Social e Poder Simbólico**. Tradução (texto em francês) da conferência pronunciada na Universidade de San Diego, em março de 1986. Disponível em: <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/23-bourdieu-espaco-social-e-poder-simbolico.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- \_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRINKERHOOF, J. M. **Digital diasporas – Identity and transnational Engagement**. New York: Cambridge University Press, 2009.
- ESCUADERO, C. **Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade**: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.
- \_\_\_\_\_. Os jornais de imigrantes guardados na Biblioteca Nacional. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Foz de Iguaçu: Centro Universitário UDC, 2014. **Anais...**
- \_\_\_\_\_. **O Rio de Janeiro dos imigrantes**: Páginas de uma cidade de muitos povos. Rio de Janeiro: E-Paper, 2016.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.
- GARCIA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GIL, C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- KRIPPENDORFF, K. **Metodologia de Analisis de Contenido**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.
- LEFEVBRE, H. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 1974.
- MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, J. **De los medios a las mediaciones** – Comunicación, cultura e hegemonía. México: Editorial Gustavo Gilli, 1991.
- MOREIRA, S. V. Análise documental como método e técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011, p.269-279.
- PARK, Robert. **The immigrant press and its control**. New York: Harper & Brothers, 1922.
- PINTO, M. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker, 1999.

SALGADO, E. Reflexión del migrante. **Revista Comemorativa del Clube Unidos Guerrerenses Del Medio Oeste**. Chicago, p.6, setembro, 2013.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. El retorno, elemento constitutivo de la condición del inmigrante. **Revista Empiria**, Madrid, 2010. Tradução para o espanhol: Evelyne Tocut.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**. Petrópolis: Vozes, 2006.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011, p.51-61.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1990.

### **Camila Escudero**

Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Realizou Doutorado-Sanduiche na University of Illinois – Chicago (UIC), no *Latin American and Latin Studies Program*, com bolsa FAPERJ (2015-2016). Atualmente, é pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e editora executiva da Revista Comunicação & Sociedade. E-mail: camilaescudero@uol.com.br.

Recebido em: 28.04.2018

Aprovado em: 11.11.2018

